

“Minhas amigas e meus amigos de todo o Brasil...”*

– novo ensaio sobre a crise da amizade -

Raymundo de Lima **

“... Se amas sem despertar amor; isto é, se teu amor, enquanto amor, não produz amor recíproco, se mediante tua exteriorização de vida como homem amante não te convertes a outro amado, teu amor é impotente, uma desgraça” (MARX, K. Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844).

“A amizade é uma forma de amor”, diz Alberoni (1992). Não é um amor qualquer, mas sim, a amizade é um vínculo complexo, sofisticado e fundado na empatia; porque os adolescentes, os loucos, psicopatas, os perversos não conseguem sustentar uma amizade verdadeira, ou porque são imaturos ou porque estão limitados aos determinantes caracterológicos¹.

(1) Na caracterologia elaborada por Wilhelm Reich, alguns tipos de caráter demonstram dificuldades específicas para suportar vínculos sociais: o caráter compulsivo, o caráter fálico-narcisista, e a pessoa acometida de “peste emocional” (sic). O **caráter compulsivo** tem sua formação inicial no erotismo anal, é marcado pela avareza, minuciosidade, pedantismo, ruminação mental, dúvidas obsessivas, minuciosidade e hesitação. Tendem a rigidez corporal, ao moralismo (que os tornam vítimas de seus próprios princípios, já que são muito severos consigo mesmos); também sustentam oposição exagerada às autoridades. Já o caráter **fálico-narcisista** é autoconfiante, enérgico, orgulhoso, arrogante, ericado, reagem com frieza ou desdém com os seus opositores, acentuando mau humor e agressividade, por vezes transparecendo um motivo sádico ou insensibilidade para com alguém que sofre. (REICH, 1979, p. 239-259). O autor ainda observa a pessoa doente de **“peste emocional”** são pessoas que coxeiam no que diz respeito ao caráter, porque sua ação e o motivo não coincidem; são indivíduos propensos a explosões de ira quando são contrariados nas suas convicções ou quando se sentem

Especialmente os psicopatas e sociopatas são incapazes de empatia, mas sabem fingir amizade, obviamente sempre para extrair proveito narcísico-perverso. Ou seja, a amizade autêntica é própria de seres humanos sensíveis, com capacidade empática e personalidade equilibrada.

Na antiguidade clássica, a amizade tem um papel fundamental. Ela é o modelo para as demais relações humanas: familiares, comerciais, políticas. Neste período, a amizade está associada à felicidade (gr.: *eudaimonia*). “Ninguém pode ser feliz sem amigos” dizia Aristóteles.

Baldini (2000) observa que na antiguidade grega a amizade era mais valorizada do que o amor, que só vai ser supervalorizado com os modernos.

Possivelmente, foi Sócrates o primeiro a observar que “os maus não podem amar uns aos outros”. Uma vez lhe perguntaram quem devemos procurar para amigo? Sócrates respondeu: “aquele que é senhor dos apetites sensuais, fiel a seus juramentos,

ameaçadas na sua blindagem de caráter ou maneira de viver irracional ou esquisita (REICH, 1979, p. 305-311). Outro autor que também estudou especificamente as patologias dos vínculos é Enrique Pichon-Rivière (1982).

condescendentes nos negócios, que não fique atrás dos que o beneficiem, e pronto a servir quem o sirva” (SÓCRATES, 1980, p.79).

Cícero, em 44 a.C, entendia que a amizade só acontece entre homens de sabedoria. Um ignorante de teorias mas comprometido com a sabedoria está mais próximo sustentar uma amizade do que um doutor que ignora viver bem. Ou seja, não basta ter conhecimentos teóricos ou fazer de conta que é amigo de todos; a amizade autêntica implica em sabedoria, autenticidade e ascese.

Voltaire, filósofo iluminista francês, com 70 anos, no seu *Dicionário Filosófico*, define assim a Amizade:

“É um contrato tácito entre duas pessoas *sensíveis* e *virtuosas*. Digo *sensíveis*, porque um monge ou um solitário, podem não ser malvados, mas, mesmo assim, viver sem conhecer a amizade. Digo *virtuosas*, porque os malvados têm somente cúmplices, os libidinosos companheiros de orgias, os gananciosos têm sócios, os políticos arrebanham de feito facciosos, os homens vulgares e ociosos têm ligações apenas, os príncipes têm cortesãos; **mas só os homens virtuosos têm amigos**. Cetego era cúmplice de Catilina, e Mecenas cortesão de Octaviano; **mas Cícero era amigo de Ático**”(VOLTAIRE, 1978, p. 93 – negrito meu).

Na análise do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard foi o cristianismo quem destronou a amizade, porque pertence ao paganismo. O cristianismo celebra o amor ao próximo, e sobretudo o amor à Deus. Também Breton observa que “o Cristianismo falou muito sobre o amor, mas não entendeu nada da amizade” (apud BALDINI, 2000). Na verdade, o cristianismo fala mais da caridade, que é triádica: a pessoa estabelece uma relação com o outro, em

Deus. Isto é, a amizade é necessariamente uma relação diática e implica em reciprocidade, autonomia e espontaneidade, enquanto que a caridade é necessariamente uma obrigação moral para com a comunidade, olhada por Deus onisciente e onipotente.

A amizade na modernidade

Não somente o cristianismo preteriu a amizade; também o ideário socialista desconsidera a amizade por um valor supostamente mais elevado: a solidariedade comunal. Assim, no mundo socialista todos deveriam ser ‘amigos’, ou melhor ‘camaradas’ mediados pelo Estado, porque todos viveriam sob o princípio da igualdade. Só que a história se encarregou de mostrar que a promessa de amizade coletiva ficou na abstração, visto que o socialismo real patrocinou um sistema policial de vigilância da vida privada que terminou produzindo desconfiança entre as pessoas, levando a asfixia do projeto de uma sociedade feliz, enfim, a vida coletiva teria se tornado um inferno².

Ainda sobrevive em alguns o delírio da sociedade fundada no mito da amizade coletiva ou comunista feliz. No fundo, a concepção socialista-totalitária é herdeira da concepção cristã, porque ambas confundem ser caridoso com ser solidário e ser verdadeiramente amigo. A principal diferença entre ambas está no poder maior: no cristianismo está em Deus, no socialismo-comunismo está no Estado-Todo-Poderoso tomado pela classe proletária. Enquanto o primeiro concebe uma irmandade no lugar da amizade pagã, o segundo ressalta os vínculos fundados pela consciência de

⁽²⁾ O filme alemão “A vida dos outros” causa no telespectador a sensação de insegurança de ser vigiado pela polícia secreta (Stasi), da Alemanha Oriental (DDR).

classe, esta tomada como encarnação do bem e agente da nova história. Fora isto, a amizade não passaria de capricho burguês, pensa o militante e o douto-ignorante. É curioso que tanto o autoritarismo hierárquico cristão como o totalitarismo do Estado suspeitam da amizade. Seria pelo seu caráter de autonomia, espontaneidade e potencial subversivo?

Por outro lado, nas democracias contemporâneas, embora a amizade respire liberdade relativa, fala-lhe algo para sua disseminação. O imperativo de sempre ter-e-ter parece superar o ‘ser’ próprio da amizade. Ter bens, ter títulos ter prestígio, ganha ares de mais valor em nossa época do que ter amigos – ou precisamente ser amigo. Por isto, Sócrates considerava seus amigos o maior bem que possuía.

Em nossa época a amizade está em crise, mas “ainda não chegou a hora de assinar o atestado de óbito da amizade”, observa Baldini (op.cit.). Mas, certamente, é momento de questionarmos qual será o futuro da amizade uma vez que os relacionamentos hoje são jogados no vento da pós modernidade. Os relacionamentos de amor e amizade se comportam como líquidos: são amizades de ocasião, que adaptam conforme interesses. Como observa Bauman (2004): as pessoas ainda querem amizade e amor, mas com vínculos frouxos.

A crise da amizade autêntica e duradoura parece estar associado a fragmentação do sentido da vida comunitária, nos leva a hipótese de porque hoje existe um aumento exagerado de depressão e suicídio. Noutros termos, onde efetivamente as pessoas ainda convivem em comunidade, sustentando vínculos duradouros de amizade, são

relativamente baixos os índices de depressão, suicídio e até infartos. Obs.: o infarto é efeito de uma vida sem vínculos autênticos, sugere o cardiologista Dias da Silva (1994).

Amizade não é...

Descartes (1991, p.109, art.83), em *Paixões da Alma*, distingue a **afeição** e a **devoção** da **amizade**. É *afeição* quando apreciamos uma flor, agradamos um animal, apreciamos o canto das aves. A *devoção* é o oposto da afeição, isto é, temos devoção a alguém que ocupa uma posição superior a nós. A primeira devoção é dirigida aos nossos pais ou quem nos criou. Depois, podemos sentir devoção as metáforas dos pais, os governantes e personalidades carismáticas: Fidel, Hitler, Mussolini, Mao, Stalin, Peron, Getúlio Vargas, Simon Bolivar, Tiradentes, Gandhi, Martin Luther King, Obama, Princesa Diana, Lula. Há devotos dos filósofos e pensadores: Marx, Comte, Sartre, Nietzsche, Freud, Lacan. O povo é devoto de artistas e desportistas: Elvis, John Lennon, Michel Jackson, Roberto Carlos, Madona, Mick Jagger, Pelé, Garrincha, Maradona, etc.

Podemos entender a devoção como uma manifestação primitiva e infantil para com um ser mitificado. A devoção também pode ser dirigida a uma causa ideológica: socialismo, fascismo, nazismo, anarquismo. A devoção segue a prática da adoração às pessoas santificadas. Até mesmo os sistemas materialistas ou que se pretendem ateus autorizam a adoração ou “culto a personalidade” a Mao, Fidel, Stalin³.

(3) Luc Ferry (2007) destaca um texto do Partido Comunista Francês, publicado em 1953, na primeira página de seu principal órgão de propaganda, que traduz o caráter religioso da doutrina que desejava ser radicalmente materialista e ateísta, dedicado a Stalin: “O

Desperta à curiosidade científica porque permanece a devoção e culto aos mitos Elvis Presley e Che Guevara, décadas depois de suas mortes. Ou seja, o devoto não explica, adora, e usa tal simbolismo como um patuá, possivelmente para dar sentido a sua vida apequenada.

Desamizade

Se uma amizade é rompida, passamos por um período de luto e até depressão.

Apesar de ser querido pela sua esposa, filhos, colegas, amigos e discípulos, Freud reconhecia a importância singular da amizade na sua vida e obra. Ele teria ficado profundamente abalado com a ruptura de Wilhelm Fliess, tanto porque perdeu do seu Alter-Ego como porque descobriu no ex-amigo uma personalidade excêntrica, obcecada, dogmática. Mais tarde, a ruptura com Carl Gustav Jung, que se arrastaria entre 1912 e 1914, novamente teria reacendido a melancolia em Freud. Se analisarmos as diferenças entre estas duas personalidades tão diferentes, Freud e Jung, ambos pioneiros da análise do inconsciente, poderíamos prever a impossibilidade de uma amizade duradoura entre um judeu-agnóstico e um ariano-protestante, se

coração de Stalin, ilustre companheiro de armas e prestigioso continuador de Lênin, o chefe, o amigo e irmão dos trabalhadores de todos os países, cessou de bater. Mas o stalinismo vive, ele é imortal. O nome sublime do genial mestre do comunismo mundial resplandecerá com uma chamejante claridade pelos séculos, e será sempre pronunciado com amor pela humanidade reconhecida. A Stalin, para todo o sempre seremos fiéis. Os comunistas se esforçarão para merecer, por sua dedicação incansável à causa sagrada da classe trabalhadora [...] o título de honra de stalinistas. Glória eterna ao grande Stalin, cujas magistrais imprecáveis obras científicas nos ajudarão a reunir a maioria do povo...” (Capa do *France Nouvelle*, de 14 de março de 1953).

considerarmos o contexto político-ideológico da Europa, neste período⁴. Porque o contexto político-ideológico influencia a amizade entre os contemporâneos.

Realmente ficamos tristes quando perdemos o objeto de nossa afeição e devoção, e podemos cair em depressão patológica quando perdemos um amigo. Contudo, as personalidades pós modernas – ou líquidas – são mais propensas chorar a morte de uma celebridade mundial do que sentir a perda de um parente ou amigo. Será este um sintoma de porque hoje somos menos humanos? Daí a observação de Bauman (2007, p.30): hoje as pessoas querem algum tipo de vínculo, só que “vínculos humanos confortavelmente frouxos (...). *De um lado, [a pessoa] precisa dos outros como do ar que respira, mas, ao mesmo tempo, [ela] tem medo de desenvolver relacionamentos mais profundos, que o imobilizem num mundo em permanente movimento*” (apud PALLARES-BURKE, 2003).

Muitos enganam e se auto-enganam com “amigos faz-de-conta”. Principalmente os que receberam favores, os que vivem o sentimento de irmandade, os que comungam com uma causa mítica, os que vivem como Sancho Pança iludido de ser amigo de Don Quixote.

A amizade e a política

(4) Peter Gay (1989) elabora uma breve análise sobre estas duas amizades de Freud, porque estiveram associadas a invenção da psicanálise. Freud no artigo “História do Movimento Psicanalítico”, publicado em 1914, e Jung (1975), em texto “Sigmund Freud”, publicado pouco antes de sua morte, 1961, parecem atribuir a ruptura desta amizade a discordância teórico-clínica. Porém, hoje sabemos que “algo mais” da personalidade e do estilo clínico de ambos contribuiu para a desamizade entre os dois pioneiros da análise do inconsciente.

“Aos meus amigos e amigas...” assim começa e conclui o pronunciamento oficial da primeira presidenta eleita, Dilma Rousseff, no dia 31/10/2010. Notamos que no lugar do tradicional “companheiros e companheiras” *made in PT*, a presidenta usa “meus amigos e minhas amigas”. Talvez porque a presidenta Dilma não representa só o seu partido, o PT, mas uma coligação de dez partidos políticos que deverão compor seu governo. Talvez porque seus marqueteiros lhe convenceram a uma tratativa mais intimista com o povo. Talvez...

Durante a propaganda política na TV e no rádio, todos candidatos apelam para os diversos recursos de imagem, gestos e falas. Assim, esta eleição foi marcada desde o estilo Tiririca, obviamente bolado pelos seus marqueteiros, até os discursos mais elaborados dirigidos para os eleitores esclarecidos. A verdade é que existe um discurso também sobre a amizade na política. Mas não é possível confiar na amizade entre políticos. Já no tempo de Aristóteles o cidadão popular era considerado para seguir a vida pública. Mas Epicuro via na política a destruição das amizades.

Na esteira do moderno Descartes, existe o discurso político da ‘devoção’ ao povo, como se este fosse um bichinho de estimação. Os políticos éticos estabelecem laços de amizade com seus iguais visando diminuir a solidão imposta pelo cargo. Existe, ainda, o discurso protocolar de cooperação e amizade entre os povos. Reforçando o já dito, ainda que fundado em boas intenções e princípios verdadeiros, o discurso político nada tem a ver com a amizade; mas todo político quer passar

um “ar amigo” e de confiança nos eleitores⁵.

Mas será que existe amizade verdadeira entre os homens de poder? Existiu amizade entre Churchill e Roosevelt? E entre os três grandes do pós 2ª. Guerra: Churchill, Roosevelt e Stalin? Há dúvidas se existiu amizade entre Stalin e Lenin, entre Mussolini e Hitler, entre Fidel e Che, etc. No Brasil de hoje, podemos acreditar na amizade entre Lula e José Sarney; entre o presidente Lula o presidente Armadinejad, do Irã? Ou entre o presidente da Venezuela e o presidente do Irã? Enfim, entre homens de Estado pode existir verdadeira amizade ou prepondera apenas os interesses narcísico-políticos e a liturgia que o cargo exige?

Amizade presencial e amizade virtual

Castillo (1999) no livro “Educar para a amizade”, observa que uma das causas da desvalorização da amizade em nossa época é a trivialização do conceito. Outra, é a exacerbação do narcisismo. Porque “a amizade exige luta contra o narcisismo e a aceitação do outro como é, como um ser único, diferente da imagem sonhada. A amizade – ao contrário do amor erótico – exige

(5) Hoje os políticos superinvestem na sua auto-imagem e na performance retórica, para ganhar eleições, e não para fazer amigos. Mas são treinados para dar um “ar amigo” e despertar confiança e simpatia dos eleitores. Daí eles mudarem sua maneira de falar e de se apresentar em público. Aqueles conhecidos pela personalidade dura, carrancudos, antipáticos, são levados a se mostrarem simpáticos, aveludam o tom da voz, passam a sorrir mais. Ainda há os que precisam de recursos radicais, tais como: plástica para acentuar traços positivos e camuflar marcas de velhice, obesidade e feiúra. A propósito dos candidatos à Presidência da República, Dilma e Serra, leia a análise de **Reinaldo Polito**, disponível em: <http://eleicoes.uol.com.br/2010/ultimas-noticias/2010/10/30/serra-e-dilma-deixam-o-ringue-e-aprimoram-a-comunicacao.jhtm>

esforço, generosidade e sacrifício” (CASTILHO, op.cit, p.258).

Assim, é previsível o esvaziamento da amizade numa sociedade em que predomina o narcisismo, onde as pessoas podem se refugiar nos relacionamentos distantes ou não presenciais, efêmeros e descartáveis do espaço eletrônico (e-mail, orkut, msn, twitter, facebook, etc.).

Estamos produzindo uma geração “y” ou “z”: multitarefa, diletante, umbiguista, munida de celular ou de uma tela para se comunicar⁶. Trocam a possibilidade do relacionamento presencial de qualidade pela quantidade dos contatos virtuais. Sem dúvida, no meio eletrônico os relacionamentos humanos são condenados a serem efêmeros, rápidos e superficiais ou falsos. Mas, predomina o auto-engano de ter amigos na blogosfera, sobretudo para aqueles que presencialmente se revelam anti-sociais.

Que fazer para educar os seres humanos “sem gravidade”⁷, sem capacidade para fundar vínculos autênticos⁸ que chamamos amizade? Como será o futuro da humanidade que perdeu o sentido de estabelecer vínculos de confiança? Que perfil terá a sociedade fundada apenas em interesses pragmáticos? Desse modo, o ser humano será mais ou menos humano? Teria a vida mais ou menos sentido existencial?

(6) **Geração Y.** Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Galileu/0,,EDG87165-7943-219,00-GERACAO+Y.html>

(7) Cf.: MELMAN, 2003.

(8) Cf.: LIMA, Raymundo. **Os sem vínculos autênticos. Breve ensaio sobre pessoas que não fedem nem cheiram.** Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EsacoAcademico/article/view/10804>

Termino este ensaio com uma observação do cardiologista Marco Aurélio Dias da Silva, retirado da conclusão do capítulo XX, do seu livro “Quem ama não adoce: o papel das emoções na prevenção e cura das doenças”:

“Sartre teria dito que o inferno são os outros. Para Dostoiévski o inferno está dentro de nós mesmos, e o maior inferno, escreveu o autor russo, ‘é a incapacidade de amar’, e somente poderemos amar às pessoas quando paramos de nos defender delas”.

Referências

ALBERONI, F. **A Amizade.** São Paulo: Rocco, 1993.

BALDINI, M. **A amizade e os filósofos.** Bauru: Edusc, 2000.

BAUMAN, Z. **O amor líquido: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Tempos líquidos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CASTILHO, G. **Educar para a amizade.** São Paulo: Quadrante, 1999.

CICERO. **Saber envelhecer. A amizade.** Porto Alegre: L&PM, 1997.

DESCARTES, R. **Discurso do método. As paixões da alma. Meditações. Objeções e respostas.** São Paulo: Nova Cultural. [Os pensadores]. 1991.

DIAS DA SILVA, M. A. **Quem ama não adoce: o papel das emoções e cura das doenças.** São Paulo: Best Seller, 1994.

FERRY, L. **Aprendendo a viver: filosofia para os novos tempos.** São Paulo: Objetiva, 2007.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo.** São Paulo. C. Letras, 1989.

JUNG, C. G. **Memórias, sonhos e reflexões.** Rio de Janeiro: N.Fronteira, 1975.

MARX, K. **Manuscritos econômicos e filosóficos de 1844.** São Paulo: Abril Cultural [Os pensadores], 1985.

PALLARES-BURKE, M.L.G. A sociedade líquida – entrevista com Zigmunt Bauman. **Folha de S. Paulo-cad.Mais!**, 13/10/2003.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

SÓCRATES. **Ditos e feitos memoráveis**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. [Os pensadores].

VOLTAIRE. **Dicionário Filosófico**. [Os pensadores]. São Paulo: Abril, 1978.

* Assim começa e conclui o pronunciamento oficial da primeira presidenta eleita, Dilma Rousseff, no dia 31/10/2010.



** **RAYMUNDO DE LIMA** é Doutor em Educação (USP) e docente do Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá (DFE/UEM).